



Pílulas
de
Saúde


Mútua

NOVIDADE EM OBESIDADE

Orforglipron: medicamento oral promissor para a manutenção do peso corporal perdido com dietas e uso de análogos do glp-1 (peptídeo semelhante ao glucagon tipo 1)

A nova geração de medicamentos para obesidade pode estar entrando em uma fase decisiva: a transição dos injetáveis para comprimidos. Um estudo internacional recém-publicado na revista científica *Nature Medicine* avaliou o **orforglipron**, um agonista oral do receptor de glp-1. Esse medicamento é um comprimido de pequena molécula não peptídica, desenvolvido para atuar nos mesmos mecanismos cerebrais e metabólicos relacionados à fome, à saciedade e ao controle glicêmico em pessoas que já haviam perdido peso usando tirzepatida ou semaglutida. O objetivo era responder a uma pergunta prática e extremamente relevante: como manter a perda de peso no longo prazo?

Os resultados chamaram atenção. Após interromper os medicamentos injetáveis, pacientes que passaram a usar **orforglipron** em comprimidos conseguiram preservar grande parte da redução de peso obtida anteriormente – muito mais do que aqueles que receberam placebo. Isso reforça uma percepção cada vez mais clara na medicina da obesidade: a obesidade é uma doença crônica, e sua melhora costuma depender de tratamento contínuo, assim como ocorre com hipertensão ou diabetes.

Embora ainda não esteja disponível no Brasil, o impacto potencial será enorme. Conquanto medicamentos como semaglutida e tirzepatida tenham revolucionado o tratamento da obesidade, o custo elevado, a necessidade de aplicação injetável e a dificuldade de acesso limitam o uso sustentado. Uma opção oral eficaz pode ampliar o acesso, facilitar a adesão e reduzir barreiras logísticas, especialmente fora dos grandes centros urbanos.

O estudo também traz um alerta importante contra soluções simplistas. A ideia de que bastaria “emagrecer e parar o remédio” não corresponde ao que a ciência tem mostrado. O organismo tende biologicamente a recuperar o peso perdido. O futuro do tratamento provavelmente combinará medicamentos mais confortáveis de usar, acompanhamento multidisciplinar e estratégias de manutenção de longo prazo – uma mudança de paradigma que o sistema de saúde brasileiro precisará discutir com seriedade.

Dra. Claudia Braga
Endocrinologista